

O COMPORTAMENTO DAS FRONTEIRAS PROSÓDICAS NO APAGAMENTO RÓTICO EM POSIÇÃO DE CODA FINAL DE PALAVRA

Victor Delalibera CHAGAS¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo dissertar sobre o fenômeno do apagamento rótico em posição final de palavra no Português Brasileiro, com base em resultados apresentados na literatura do assunto; verificar a existência desse fenômeno na variedade de São José do Rio Preto/SP, e qual seu nível; e por fim, apontar a importância das fronteiras prosódicas como fator de inibição do fenômeno nesta região.

PALAVRAS-CHAVE: apagamento rótico; prosódia; fonologia; variação

1. Introdução

O apagamento do /r/ na posição de coda final de palavras, como em *comer* e *senhor*, tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores (GUIOTTI, 2002; CALLOU; SERRA, 2012; SERRA; CALLOU, 2013, 2015; OSHIRO; MENDES, 2014; CALLOU *et al*, 2015), que mostraram o avanço do apagamento rótico no Português Brasileiro (doravante PB) e também como esse fenômeno se comporta no Português Europeu (doravante PE).

Esse fenômeno é antigo na língua portuguesa, conforme atestam SERRA e CALLOU (2013). As autoras salientam que os primeiros indícios de sua ocorrência foram encontrados nas peças do poeta Gil Vicente e era uma forma de caracterizar o falar não formal, principalmente dos escravos.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras (Português/Espanhol) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, São José do Rio Preto/SP, orientado pela Prof^a. Dr^a Luciani Ester Tenani.

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

Recentemente, o apagamento ganhou força em algumas regiões do Brasil como, por exemplo, no Rio de Janeiro e em Salvador, locais onde o fenômeno já se encontra em um estágio final de implementação. Segundo SERRA e CALLOU (2013), a não realização do /r/ em posição de coda final de palavras é o resultado da conclusão de um enfraquecimento desse fonema, que acontece da seguinte forma: $R \rightarrow h \rightarrow \emptyset$. Esse processo leva a uma simplificação da sílaba final da palavra: $CVC \rightarrow CV$.

Com base nas pesquisas mencionadas, verifica-se que alguns fatores podem atuar de forma a auxiliar ou não a realização do apagamento rótico, dentre eles, encontram-se fatores internos e externos da língua. Os internos descritos nas pesquisas são: (i) classe gramatical da palavra, (ii) extensão da palavra (dada em número de sílabas), e (iii) posição da palavra em relação à fronteira prosódica. Já os fatores externos são características do falante, como por exemplo: (i) idade, (ii) escolaridade e (iii) sexo.

Esses estudos mostraram que o fenômeno em questão está cada vez mais frequente em diferentes regiões e cidades do país, o que motivou a presente investigação a: (i) verificar o apagamento rótico na fala rio-pretense e compará-lo com as demais regiões já estudadas, e (ii) investigar o papel inibidor da fronteira prosódica nesse fenômeno.

2. Fundamentação Teórica

Como fundamentação teórica para este trabalho foram utilizadas pesquisas realizadas sobre apagamento do /r/ em coda silábica em diversas variedades do Português. Abaixo, sistematizo, no Quadro 1,

O COMPORTAMENTO DAS FRONTEIRAS PROSÓDICAS NO APAGAMENTO RÓTICO
EM POSIÇÃO DE CODA FINAL DE PALAVRA

autores, data de publicação, região pesquisada e as siglas que utilizei para fazer referências aos trabalhos.

Quadro 1. Resumos dos trabalhos utilizados na fundamentação teórica.

<i>AUTOR</i>	<i>REGIÃO</i>	<i>DATA</i>	<i>PESQUISA</i>
Guiotti	São José do Rio Preto - SP	2002	P1
Callou & Serra	Rio de Janeiro- RJ e Salvador-BA	2012	P2
Serra & Callou	Rio de Janeiro-RJ, Salvador-BA e Porto Alegre- RS	2013	P3
Oshiro & Mendes	São Paulo-SP	2014	P4
Callou, Serra & Cunha	Capitais Nordestinas	2015	P5
Serra & Callou	Rio de Janeiro-RJ e Lisboa - Portugal	2015	P6

Por se tratarem de pesquisas realizadas em diferentes épocas, por diferentes autores e com objetivos distintos, os fatores observados também não foram sempre os mesmos. Por isso, exponho, no Quadro 2, quais foram os fatores estudados nas diferentes pesquisas.

O COMPORTAMENTO DAS FRONTEIRAS PROSÓDICAS NO APAGAMENTO RÓTICO
EM POSIÇÃO DE CODA FINAL DE PALAVRA

Quadro 2. Resumo dos fatores

<i>Pesquisa</i>	<i>Faixa Etária</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>C.M.</i>	<i>C.S.</i>	<i>F.P.</i>	<i>Sexo</i>
P1	15-30 / 31-45 / 46-60					
P2	25-35 / 35-55 / 56+					
P3	25-35 / 35-55 / 56+	Ens. Superior				
P4	20-34 / 35-59 / 60+	Ens. Médio Ens. Superior				
P5						
P6						

Onde: CM: Classe Morfológica; CS: Contexto Subsequente; FP: Fronteira Prosódica

A princípio, destaco que as pesquisas P2 e P3 apresentam resultados semelhantes entre si, sendo a única diferença entre elas a utilização de mais uma cidade para a comparação dos resultados sobre a ocorrência do fenômeno. Em ambas, foi utilizado o banco de dados do Projeto NURC e os inquéritos se referem às décadas de 1970 e 1990.

Dadas essas características, os resultados obtidos pela P2 mostram que em 1970 o apagamento rótico já fazia parte da variante de Salvador (doravante SAO) com uma porcentagem maior se comparada com os inquéritos do Rio de Janeiro (doravante RJ). Para chegar a tais resultados, as autoras classificaram os participantes em três grupos de

O COMPORTAMENTO DAS FRONTEIRAS PROSÓDICAS NO APAGAMENTO RÓTICO
EM POSIÇÃO DE CODA FINAL DE PALAVRA

idade: G1 (25-35), G2 (36-55) e G3 (56+). Dentre os resultados, destaco que, na capital carioca, o número de ocorrências do fenômeno em G1 era de 46%; em G2, 45%; e em G3, 52%. Já na capital nordestina, os números encontrados são maiores em dois dos três grupos, 88% e 63%, respectivamente G1 e G2, porém, no G3, os resultados encontrados mostram um número menor de ocorrências do apagamento rótico, com 30%.

Na P3, as autoras acrescentaram, às informações obtidas em P2, dados da cidade de Porto Alegre (doravante POA) e, além disso, fizeram uma comparação dos resultados da década de 1970 com outros oriundos na década de 1990. Em POA, nos anos 1970, foi observado que a porcentagem de ocorrências do fenômeno em G1 era 60%; em G2, 51%; e em G3, 31%. Com esses resultados, verifica-se que no RJ há uma maior regularidade do fenômeno, uma vez que os três grupos possuem números muito próximos, o que permite afirmar que a idade não seria um fator relevante. Diferentemente, nas outras duas capitais, SAO e POA, a idade pode ser fator importante para a ocorrência ou não do apagamento rótico, pois, quanto mais jovem, maior o índice, e quanto mais velho o informante, menor esse índice de aplicação da regra. Sendo assim, entende-se que o fenômeno está na sua fase inicial nas variantes dessas regiões, sendo introduzido por meio dos indivíduos mais jovens.

Nessa mesma pesquisa, as autoras apresentaram os índices de ocorrência do fenômeno dessas três capitais (SAO, RJ e POA) na década de 1990, e podemos observar que esse número aumentou em todas as faixas etárias durante esse período de 20 anos. Em POA, os resultados da década de 1990 foram os seguintes: G1 (87%), G2 (62%) e G3 (80%). Comparando-se com a década de 70, o grande aumento de aplicação do apagamento se deu dentro do G3, no qual estão representadas as pessoas com mais de 56 anos, e a razão para esse aumento está relacionada com a transição de grupos dos indivíduos, do G2 para o G3.

O COMPORTAMENTO DAS FRONTEIRAS PROSÓDICAS NO APAGAMENTO RÓTICO EM POSIÇÃO DE CODA FINAL DE PALAVRA

Na capital carioca, os índices também obtiveram um grande aumento, e a mesma regularidade do fenômeno se manteve durante esse intervalo de tempo, tendo sido encontrados na década de 1990 os seguintes índices: G1 (81%), G2 (90%) e G3 (86%). Dados surpreendentes foram os coletados na cidade de Salvador, onde nos três grupos de idades os índices foram de 99%, o que nos mostra que o apagamento rótico em posição de coda final de palavras acontece em praticamente todos os contextos e que, para aquela região, já aconteceu uma mudança nessa variedade da língua portuguesa, a saber: a não realização do rótico em fim de sílaba.

Ainda tratando sobre a relação entre faixa etária e apagamento rótico, a P1 também nos apresenta dados que podem auxiliar nessa discussão. Na pesquisa, a autora divide seus informantes em três grupos, porém com limites de idades diferentes do realizado na P2 e na P3, sendo eles formados dessa maneira: G1 (15-30 anos), G2 (31-45 anos) e G3 (46-60 anos). Diferentemente das outras pesquisas, o foco dessa realizada em São José do Rio Preto era estudar como se comportava o /r/ retroflexo, marca do interior paulista. E dentre o número total de dados obtidos (10.465 palavras), apenas 9%, ou seja, 936, tiveram o apagamento rótico; e é a partir desse número que apresento o papel do fator “idade” para o fenômeno. Portanto, do total de 936 palavras que sofreram apagamento, 33% foram realizadas por informantes pertencentes ao G1, 40% ao G2 e 27% ao G3.

Com esses dados, verifica-se que (i) o fenômeno nessa região do interior paulista tem menores índices de aplicação em relação às demais variedades estudadas de capitais brasileiras e (ii) a variedade rio-pretense se assemelha muito com as outras regiões por apresentar um índice mais baixo nas faixas etárias mais altas dos informantes.

Por se tratar de uma pesquisa de natureza Sociolinguística, Guiotti (2002) também observou o fenômeno relacionando-o com outro fator externo à língua: o gênero do informante. Dos 936 casos de apagamento encontrados, 44,8% (419/936) ocorrem na fala dos homens, e 55,2% (517/936) na fala feminina. Apesar de não haver, nas demais pesquisas, resultados que com os quais se possa comparar, observa-se, com base nesse índice, que o gênero parece atuar no favorecimento do fenômeno na variedade do interior paulista.

Sobre os fatores internos da língua tratados nas pesquisas, chamo a atenção para dois deles: (i) classe morfológica de palavras e (ii) fronteira prosódica. O primeiro, como se verá, é comum em praticamente todos os estudos; já o segundo fator ainda está ganhando espaço na literatura e só é mencionado em três pesquisas, P2, P3 e P6.

A princípio, abordo o primeiro fator, classe morfológica e como atuaria no apagamento do rótico. Com base na literatura, é possível afirmar que o fenômeno em questão possui um índice maior de ocorrência em palavras verbais do que em palavras não verbais e isso pode ser comprovado com os resultados obtidos nessas pesquisas.

Começo apresentando os resultados da P2. Os dados utilizados são das cidades do RJ e SAO da década de 70e mostram os seguintes resultados: na capital fluminense, o índice de apagamento de rótico em verbos foi de 81%, e, em não verbos, foi de apenas 3%; já na capital nordestina, os resultados apresentaram valores maiores quando os vocábulos são verbais, chegando a 97%, e não verbais, com taxa de 78%.

Ainda tendo o Nordeste como região de estudo, a P5 apresenta resultados sobre nove capitais da região com base em dados extraídos de entrevistas realizadas nos anos 2000. Abaixo, seguem os índices obtidos do apagamento do /r/ em posição de coda final de palavras.

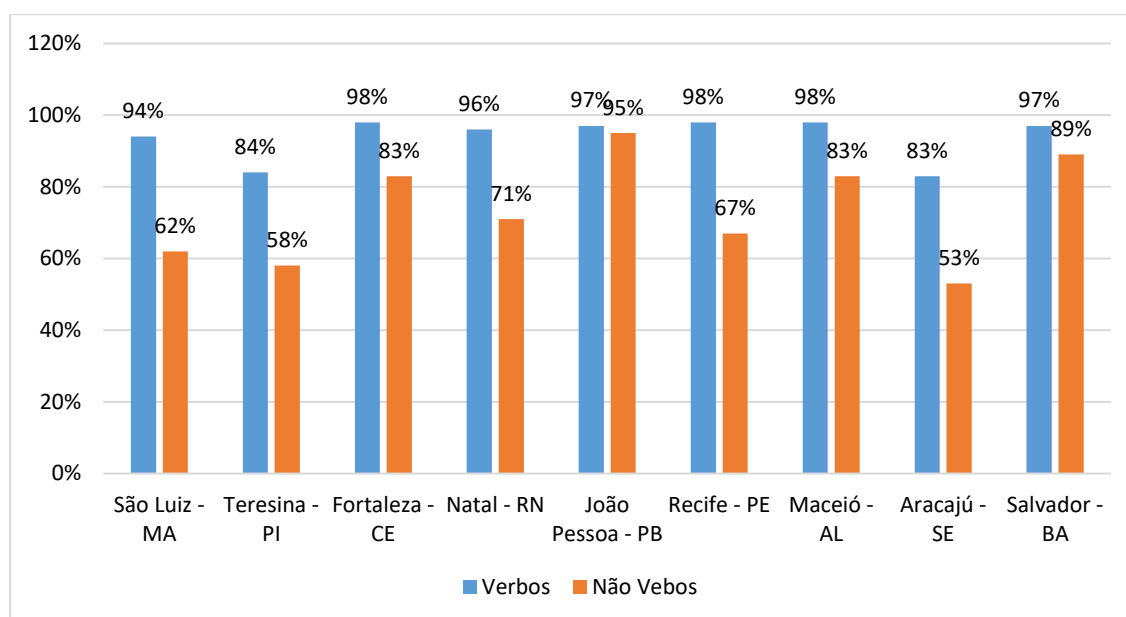


Figura 1. Relação entre classe morfológica e apagamento rótico nas capitais nordestinas.

Nota-se que é maior a ocorrência do fenômeno em verbos do que em “não verbos” em todas as variedades analisadas, fato esperado pela literatura para variedades dessa região brasileira; e também são altos os índices de aplicação, variando entre 83% (Aracajú - SE) e 98% (Fortaleza - CE, Recife - PE e Maceió - AL).

Quando se analisam os valores para os “não verbos”, percebe-se, de fato, que não é o ambiente mais favorável para o apagamento rótico, embora haja, em algumas cidades, índices altos, como em João Pessoa (PB), com taxa de 95%.

Na P4, Oshiro e Mendes (2014) fizeram um estudo na cidade de São Paulo, no qual utilizaram inquéritos de entrevistas realizadas para o Projeto SP2010. Nessas entrevistas, foram obtidos um total de 68.764 de palavras com um /r/ em posição de coda final e, desse total, 56,3% (30.050 palavras) sofreram o apagamento do rótico. E desse número, 97% das palavras eram formas verbais, e apenas 3% não verbais. Esse

resultado revela que o a capital paulista segue o que já era esperado pelos estudiosos para essa variedade do português, e que o fator classe morfológica, para essa variedade, ainda possui uma grande relevância.

Outro fator interno da língua que destaco das pesquisas é o papel da fronteira prosódica em relação ao apagamento rótico em posição final. Como já mencionado, dentre os trabalhos utilizados, poucos apresentam a investigação dessa relação.

Nessas pesquisas, as autoras se valem da Teoria da Hierarquia Prosódica de Nespor e Vogel (1986), por esse arcabouço teórico propor certa organização hierárquica dos segmentos de fala em constituintes. “Tal organização é determinada por relações de proeminência relativa em cada nível da estrutura [...]”, segundo Callou e Serra (2012). Essa hierarquia possui sete domínios, a saber: sílaba, pé métrico, palavra prosódica, grupo clítico, sintagma fonológico, sintagma entoacional e enunciado fonológico, sendo o primeiro o nível mais baixo e o último o mais alto.

Para os objetivos da pesquisa sobre apagamento do rótico, as autoras selecionam três desses domínios: palavra prosódica, sintagma fonológico, sintagma entoacional, por terem o objetivo de explorar o papel dessas fronteiras no fenômeno investigado.

Na P2, a relação foi feita tendo como fatores: (i) apenas informantes que pertenciam ao G1 (25-35 anos) e (ii) épocas diferentes, 1970 e 1990. Os resultados apresentam que, quanto menor o nível do constituinte prosódico, maior o número de ocorrências do apagamento do rótico (Tabela 1). Destaca-se, também, o aumento nos índices na comparação entre as décadas; entretanto, eles ainda se diferenciam quando o assunto é o tipo de fronteira prosódica na qual estão inseridos.

O COMPORTAMENTO DAS FRONTEIRAS PROSÓDICAS NO APAGAMENTO RÓTICO
EM POSIÇÃO DE CODA FINAL DE PALAVRA

Tabela 1. Relação entre apagamento rótico e fronteira prosódica.

Fronteira Prosódica / década	<i>1970</i>	<i>1990</i>
<i>Palavra prosódica</i>	64%	93%
<i>Sintagma fonológico</i>	31%	91%
<i>Sintagma entoacional</i>	39%	85%

Serra e Callou (2013) apresentam uma novidade ao tratar das fronteiras prosódicas e fazem uma relação com classe morfológica, particularmente em relação ao verbo. Os dados são da década de 1970 da cidade de POA. Os resultados dessa análise mostram que, tanto na fronteira de palavra prosódica quanto na fronteira de sintagma fonológico, o índice de apagamento do rótico nos verbos foi de 44%; já em sintagma entoacional, esse valor foi de 20%. Esse resultado sustenta a afirmação sobre o papel da fronteira prosódica inibindo apagamento do rótico em coda em final de palavra.

Por fim, destaco a P6 na qual é feita uma comparação do apagamento rótico entre o PB e PE. No início do texto, as autoras afirmam que “este fenômeno está em diferentes estágios nas duas variedades do português: o processo mais avançado no português brasileiro e menos avançado no português europeu.”¹(SERRA; CALLOU, 2015, tradução livre). A partir dessa afirmação, já se espera que os dados referentes ao PB sejam mais altos dos que os obtidos em Portugal.

¹ No original: “this phenomenon is at different stages in the two varieties of Portuguese: the process is more advanced in Brazilian Portuguese and less so in European Portuguese.”

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

Para esse estudo, as informantes utilizadas foram todas do sexo feminino, entre 25 e 35 anos, com nível superior de escolaridade e pertencentes a duas cidades: Rio de Janeiro e Lisboa; os inquéritos de análise foram gravados nos anos da década de 1990 e de 2000, e, no total, obtiveram-se 579 dados (palavras que possuíam /r/ em sua coda final) no PB e 354 no PE.

A princípio, são apresentados os índices de ocorrências do fenômeno nas duas variedades do português e os resultados confirmam o que tinha sido antecipado pelas autoras. Das 579 palavras do PB, em 76% ocorreu o apagamento rótico e em 24% não; já no PE, das 354 palavras, em 32% foi observada a ocorrência do fenômeno e em 68% não.

Em seguida, é feita a relação do apagamento rótico com a classe morfológica da palavra. No PB, 90% das verbais tiveram o apagamento e o mesmo aconteceu em 30% das não verbais; os índices obtidos no PE foram menores, 38% em verbos e 27% em não verbos. Esses resultados, entretanto, seguem o que é esperado pela literatura quanto a essa relação, ou seja, o verbo tende a sofrer mais o fenômeno do que as demais palavras.

Para concluir, as autoras relacionam o apagamento com a fronteira prosódica, assim como feito na P2. Os resultados (Figura 2) confirmam a tese de que quanto maior o constituinte, menor o índice de ocorrência do fenômeno.

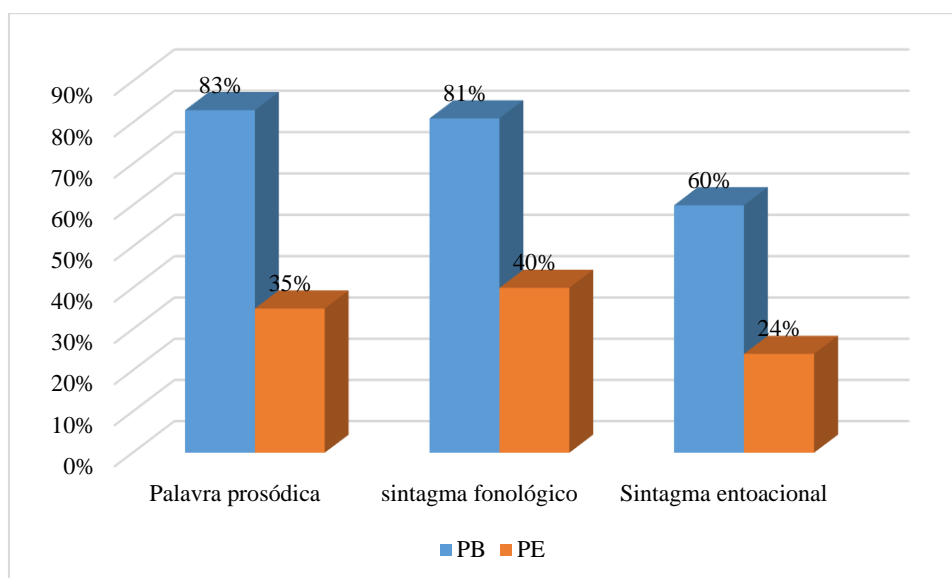


Figura 2. Relação entre apagamento rótico e fronteira prosódica.

Pode-se verificar que tanto fatores internos quanto externos podem influenciar no apagamento do rótico em coda final de palavras. Nota-se também que o fenômeno, apesar de mostrar certas regularidades, apresenta diferentes níveis de estágios de implantação, tanto se se compara o PB com o PE, quanto entre as variedades do Brasil.

E foi com base nesses estudos que foi proposta uma pesquisa sobre o mesmo tema para a região de São José do Rio Preto – SP, a qual descrevo a seguir.

3. O fenômeno na fala rio-pretense

A fim de alcançar os objetivos esperados, primeiramente foi decidido que seriam utilizados os inquéritos de fala pertencentes ao banco de dados IBORUNA. Assim, a primeira etapa do trabalho foi escolher as gravações dos informantes com os quais se trabalharia.

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

A princípio, selecionei quatro informantes, pertencentes à mesma faixa etária entre 25-36 anos, sendo dois do sexo masculino e dois do sexo feminino. Dentre os sujeitos do banco IBORUNA de mesmo gênero e mesma faixa etária, foram selecionados informantes de diferentes graus de escolaridade: ensino superior e ensino fundamental.

Após a leitura e a análise da transcrição ortográfica dos inquéritos de fala, foi verificado que uma das informantes (sexo feminino e ensino superior) apresentava índices de realização do /r/ que divergiam do esperado para esse perfil. E, por isso, decidi analisar outras três informantes, do mesmo sexo e escolaridade, mas com faixas etárias distintas, para verificar se o fenômeno se realizava da mesma maneira.

O processo completo de análise dos resultados seguiu as seguintes etapas: (i) leitura e análise das transcrições das entrevistas; (ii) análise acústica dos contextos relevantes com o uso do programa PRAAT; (iii) seleção e análise prosódica das sentenças em que ocorreram os contextos relevantes da pesquisa e (iv) tabulação dos resultados.

4. Resultados

Os resultados encontrados na primeira etapa da pesquisa, na qual participaram quatro informantes de diferentes sexos e diferentes níveis de escolaridade, são apresentados na Tabela 2.

O COMPORTAMENTO DAS FRONTEIRAS PROSÓDICAS NO APAGAMENTO RÓTICO
EM POSIÇÃO DE CODA FINAL DE PALAVRA

Tabela 2. Resultados iniciais na fala rio-pretense.

Gênero / Escolaridade	Apagamento do /r/		Realização do /r/	
	Verbo	Não Verbo	Verbo	Não Verbo
Feminino /				
Ensino Médio	184	0	0	23
Masculino / Ensino				
Médio	66	0	0	5
Feminino /				
Ensino Superior	307	0	25	31
Masculino / Ensino				
Superior	233	0	1	36

Com base nos dados obtidos, observa-se que, como já era esperado, as formas verbais tendem a sofrer mais apagamentos dos róticos do que as formas não-verbais. Esse resultado permite afirmar que a variedade rio-pretense segue o que já foi estudado em outras regiões do país.

Porém, o que chamou a atenção foi o alto nível de realizações do /r/ em uma das informantes, o que não segue o “padrão” esperado do fenômeno. Com base nessa observação, decidi analisar outras informantes do mesmo sexo e escolaridade para verificar como elas se comportariam quanto ao fenômeno. Para alcançar o objetivo valendo-se do banco IBORUNA, fez-se necessário analisar informantes mulheres das faixas etárias disponíveis no banco.

Os resultados dessa segunda fase da análise das informantes estão dispostos na Tabela 3, a seguir. Nessa tabela, verifica-se alto índice de

O COMPORTAMENTO DAS FRONTEIRAS PROSÓDICAS NO APAGAMENTO RÓTICO
EM POSIÇÃO DE CODA FINAL DE PALAVRA

realização do /r/ em verbos da informante na faixa etária de 26 a 36 anos (em destaque na tabela), quando comparado com os índices das demais informantes. Com base nesses resultados, pode-se dizer que para a nossa região, os fatores sexo e escolaridade não parecem atuar favorecendo ou inibindo o apagamento do /r/ em coda. A classe gramatical parece ser fator relevante: em formas verbais há apagamento do /r/, enquanto em formas não-verbais, há realização de /r/, exceto nas únicas três ocorrências em que houve apagamento: *qualquer*, em duas ocasiões, e *colher*.

Tabela 3. Resultados das informantes do sexo feminino/ensino superior.

Idade	Apagamento do /r/		Realização do /r/	
	Verbo	Não Verbo	Verbo	Não Verbo
16 - 25 anos	139	0	7	37
26 - 36 anos	307	0	25	31
36 - 55 anos	184	1	2	21
Mais 55 anos	216	2	5	15

Considerando as duas etapas da pesquisa e o papel relevante da classe gramatical, passou-se a considerar o total de dados dos sete indivíduos que, juntos, produziram 1540 palavras com /r/ na posição de coda final, sendo que 1.332, ou seja, 86,5% do total, apresentaram apagamento rótico; e 208 palavras (13,5%) mantiveram a realização no /r/ final.

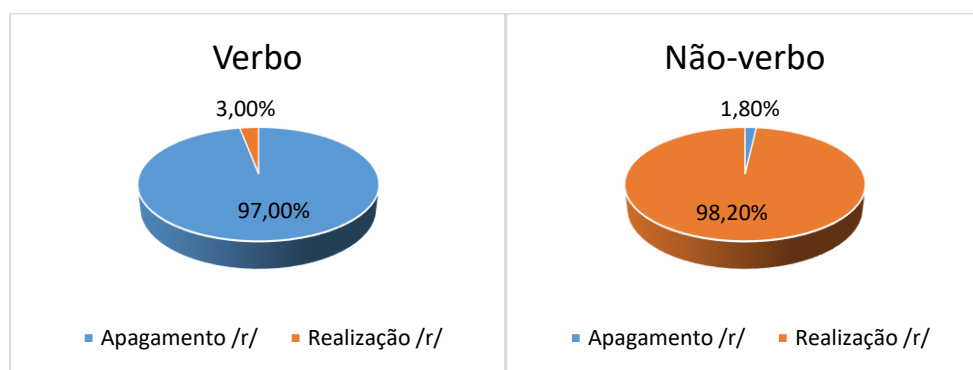
A investigação do condicionamento das classes morfológicas das palavras me levou a obter os seguintes dados (apresentados nas Figuras

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

O COMPORTAMENTO DAS FRONTEIRAS PROSÓDICAS NO APAGAMENTO RÓTICO EM POSIÇÃO DE CODA FINAL DE PALAVRA

3 e 4): o apagamento rótico quase não ocorre em palavras não verbais (1,8 %), porém, apresenta números altos de aplicação em formas verbais (97%).

Relacionando os dados do falar rio-pretense com os obtidos em outras pesquisas, pode-se afirmar que a variedade do interior paulista segue o que é esperado no PB: apagamento quase categórico do /r/ em finais de formas verbais e a manutenção do rótico em formas não verbais.



Figuras 3 e 4. Apagamento ou não do /r/ segundo as classes morfológicas das palavras.

Verificado como o fenômeno em questão se comporta na região de São José do Rio Preto de modo geral, passo a tratar do outro objetivo da pesquisa: entender o papel da fronteira prosódica em relação ao apagamento rótico. Tomando como base as pesquisas de Callou e Serra (2012) e Serra e Callou (2013), que já fizeram estudos sobre a atuação da fronteira prosódica no apagamento rótico em formas verbais, passo a tratar de duas fronteiras prosódicas, pertencentes à hierarquia proposta por Nespor e Vogel (1986): sintagma fonológica (φ) e sintagma entoacional (I).

A escolha dessas duas fronteiras baseou-se na seguinte afirmação: “as fronteiras de sintagma fonológico e de sintagma entoacional favorecem a preservação do segmento [...]” (CALLOU; SERRA, 2012). O objetivo, então, passou a ser o de verificar o quanto esses tipos de fronteiras são inibidores do fenômeno. Para tanto, considere os dados da informante que destaco por manter, de forma não esperada, a realização do /r/ em formas verbais.

Passo, a seguir, à descrição dos resultados dessa segunda etapa da pesquisa. Inicialmente, foi feita análise das 25 ocorrências de manutenção do /r/ em coda final dos verbos. Essa análise partiu da seleção das sentenças nas quais estavam essas 25 ocorrências identificando as fronteiras prosódicas (Quadro 3).

Quadro 3. Análise prosódica das sentenças.

	Sentença
1	[[[e o aluno]ω [meu]ω]φ [pediu para ir]φ [[ao banhe(i)ro...]ω]φ] I
2	[[“ah mas porque que você]φ [querir]φ [[ao banhe(i)ro]ω [das meninas?”]ω]φ] I
3	[é um ambiente]φ [bem aconchegante]φ] I [para que a criança se sinta bem...] I [E possa:]φ [estar lendo lá...] I
4	[onde as crianças podem comer]I [e assistí(r) a televisão enquanto] I
5	[[[porque]ω]φ [alguns professores]φ [gostavam de ficar]φ [[sozinhos...]ω]φ] I
6	[é o processo em que a criança ela entra na escola]I [muito pelo contrário a leitura ela tem que estar] φ [presente na criança...]I
7	[e o que eu posso dizer é que]I [as crianças que os pais liam em casa] I

O COMPORTAMENTO DAS FRONTEIRAS PROSÓDICAS NO APAGAMENTO RÓTICO
EM POSIÇÃO DE CODA FINAL DE PALAVRA

8	[[e elas]φ [tinham]φ [muita vontade de]φ [escrever]φ]I [e escrever histórias.]I
9	[[elas]φ [conseguiam se expressá(r)]φ [bem...]φ]I [[Elas]φ [conseguiam:: contar]φ [[algum acontecimento que ocorreu com ela]φ]I [ou com algum colega] I [com alguém da família...]I
10	[[às vezes]φ [elas]φ [não conseguiam expressar]φ [o que elas queriam]φ]I [[não conseguiam contar]φ [alguma coisa que aconteceu]φ [com elas]φ [no recreio]φ]I
11	[[e quando a gente]φ [vai ler]φ [essa história]φ [tem que passá(r)]φ [todo um filminho na nossa cabeça...]φ]I
12	[e é a mesma coisa quando essa criança vai ler...]I [Quando ela vai ler...]I [Ela tem que ler...]I [Esse filminho da cabeça para ela podê(r) compreendê(r) o que o livro...]I
13	por exemplo::]I ['eu gosto de ir]φ [na casa da minha avó']I
14	...[Com toda uma riqueza de vocabulário...]I [Ela vai estar] φ [desenvolvendo...]I [Toda sua capacidade de imaginação toda sua capacidade de criatividade...]I
15	[[ela]φ [vai estar]φ [criando]φ [uma rotina...]φ]I [ela vai estar] φ [desenvolvendo né?...]I [[E vai estar]φ [adquirin(d)o]φ [um gosto pela leitura]φ [que é fundamental...]φ]I [[Ela]φ [vai ler]φ [vontade de lê(r)]φ]I [[você]φ [não vai pedí(r)]φ [pra ela lê(r)...]φ]I
16	...[[[Crianças]ω]φ [[que saibam]ω [se expressar...]ω]φ]I [[[Que saibam]ω [contar]ω]φ [[fatos]ω [pra você...]ω]φ]I

Após esse procedimento, foi feita uma tabulação dos dados, verificando-se de forma quantitativa a manutenção dos /r/ nessas 25 ocorrências em relação às fronteiras prosódicas relevantes. Na Tabela 4, estão os resultados obtidos. Verifica-se que todas as 25 palavras estão relacionadas com alguma fronteira prosódica, seja essa fronteira meio ou fim de sintagma fonológico, ou fim de sintagma entoacional.

Sendo assim, com base apenas nessa informante, pode-se afirmar que as fronteiras prosódicas, principalmente aquelas de sintagma fonológico e entoacional, domínios mais altos da hierarquia, tendem a inibir o apagamento do /r/ em posição de coda final em formas verbais no sujeito analisado. Esse resultado confirma, para a variedade rio-pretense, os achados de Callou e Serra (2013) para a variedade carioca.

Tabela 4. Quantificação das sentenças segundo a fronteira prosódica

<i>Informante</i>	Realização do /r/ - Verbos		
	<i>Meio de φ</i>	<i>Fim de φ</i>	<i>Fim de I</i>
Feminino / Ensino Superior	4	16	5

Na última etapa do trabalho, as sentenças descritas no Quadro 3 foram analisadas por meio do programa PRAAT. Os espectrogramas permitiram visualizar a realização ou não do /r/ no final das palavras e os contornos entoacionais característicos dos sintagmas fonológico e entoacional.

No primeiro exemplo, selecionei o trecho da sentença número 3 do Quadro 3, [estar lendo lá...] I. O vocábulo que interessa analisar é *estar*, que está localizado no meio do sintagma fonológico. Abaixo, segue o espectrograma da sentença em questão. Nesse caso, é realizado o /r/ na posição de coda final dentro do sintagma fonológico [estar lendo].

O COMPORTAMENTO DAS FRONTEIRAS PROSÓDICAS NO APAGAMENTO RÓTICO EM POSIÇÃO DE CODA FINAL DE PALAVRA

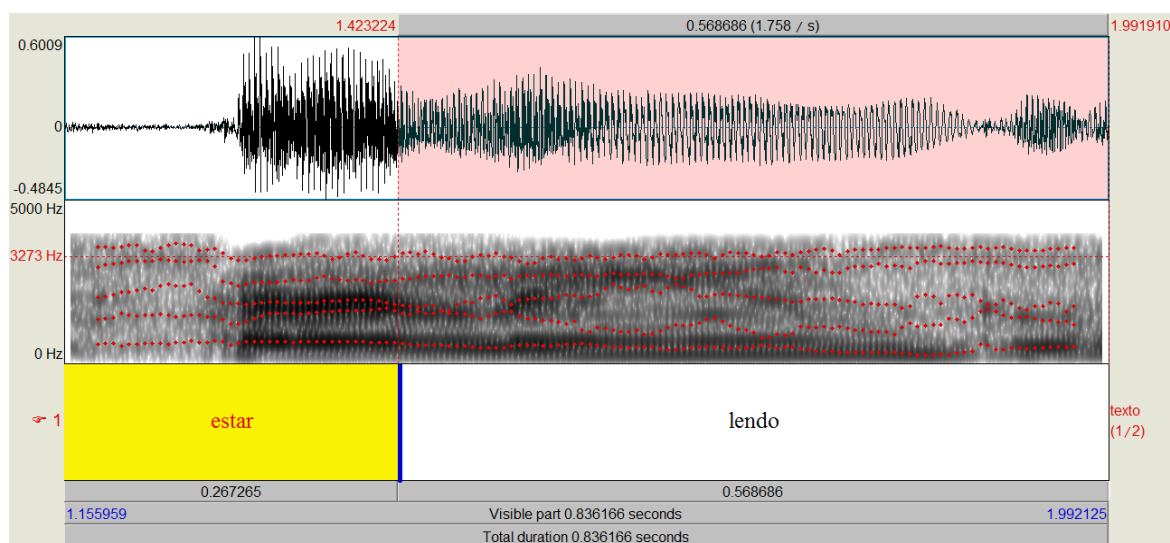


Figura5. Espectrograma da sentença: [estar lendo lá...] I

Nas imagens a seguir, apresento sentenças que possuem a mesma estrutura sintática. Entretanto, em um dos casos, a informante realizou o /r/ na posição de coda final de palavra (Figura 6); já na imagem seguinte, ocorre o apagamento rótico (Figura 7). Em ambos os casos, o vocábulo em questão, *estar*, ocupa a posição de fronteira de fim do sintagma fonológico. Em ambos os casos, seria possível a junção entre *estar* e a forma verbal que se segue, por ser esta iniciada por vogal.

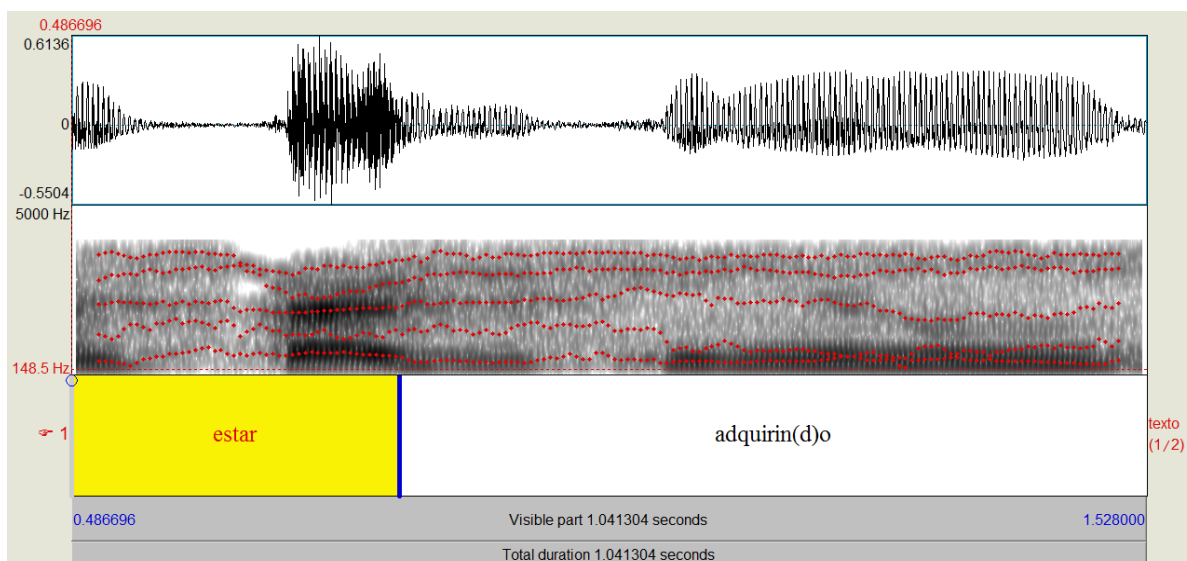


Figura 6. Espectrograma da sentença: [[E vai estar]φ [adquirin(d)o]φ

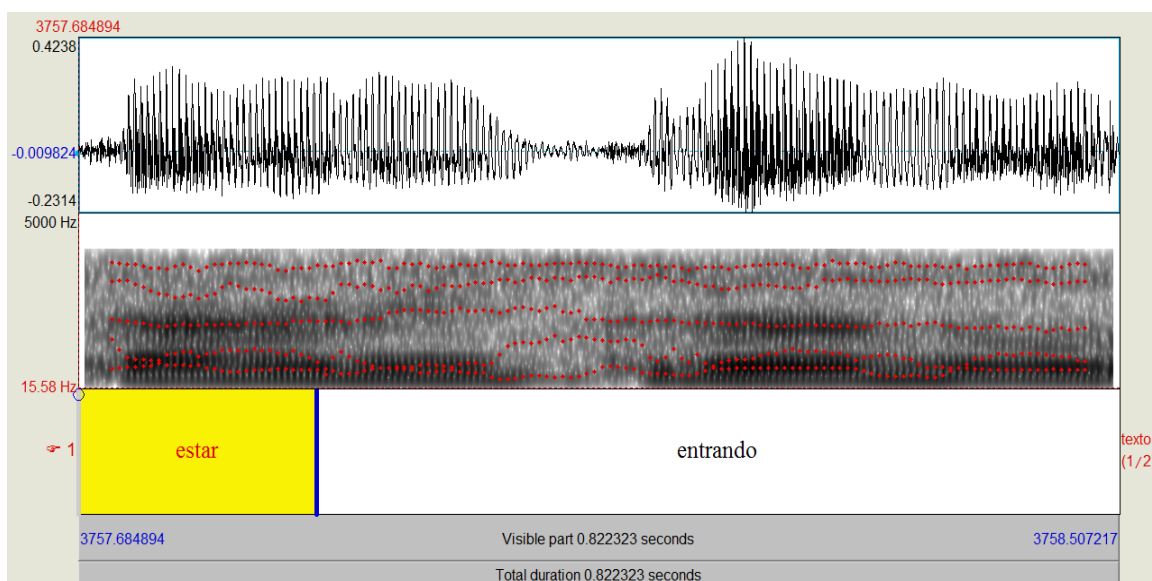


Figura 7. Espectrograma da sentença: [[E vai esta(r)]φ [entrando]φ

Tendo em vista essa variação de realização fonética da mesma estrutura sintática, pode-se afirmar que, apesar de a fronteira prosódica possuir um caráter desfavorecedor do fenômeno em estudo, essa inibição não acontece em 100% dos casos. Portanto, a fronteira prosódica desfavorece, mas não inibe o processo de apagamento do /r/.

O mesmo caráter variável se verifica quando considerada a classe gramatical das palavras com /r/ em coda. Mesmo sendo esperado um número muito alto de apagamentos em infinitivos verbais, não há aplicação categórica do apagamento. Exemplo desse caráter variável são os resultados obtidos na variante rio-pretense: 97% de apagamento nos verbos.

Considerações finais

Com base nos resultados obtidos nesta pesquisa, pode-se afirmar que o processo de apagamento do /r/ na posição de coda final de palavras no falar rio-pretense é semelhante ao observado nas outras regiões do Brasil, principalmente no que diz respeito ao fenômeno em formas verbais, como o infinitivo.

Além disso, destaca-se que este trabalho acrescenta evidências acerca do papel de fronteiras prosódicas no bloqueio do apagamento rótico para tal variedade, uma vez que, como se analisou, quando há ocorrências da realização do /r/ em infinitivos verbais, estas são diretamente motivadas pela presença de fronteira prosódica na borda em que se encontra a palavra com /r/ em coda.

O COMPORTAMENTO DAS FRONTEIRAS PROSÓDICAS NO APAGAMENTO RÓTICO
EM POSIÇÃO DE CODA FINAL DE PALAVRA

CHAGAS, V. D. O comportamento das fronteiras prosódicas no apagamento rótico em posição de coda final de palavras. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 597-620, 2017.

**THE BEHAVIOR OF THE PROSODIC BOUNDARIES IN THE RHOTIC
DELETION IN THE FINAL CODA WORD POSITION.**

ABSTRACT: This paper aims to discuss the phenomenon of the rhotic deletion in the final word position in Brazilian Portuguese, based on results found in the literature on the subject, verify the existence of this phenomenon in the São José do Rio Preto / SP variety and its level and, finally, pointing out the importance of the prosodic boundaries as a factor of phenomenon inhibition in this region.

KEYWORDS: rhotic deletion; prosody; phonology; variation

Referências bibliográficas

CALLOU, C; SERRA, D. *Variação do rótico e estrutura prosódica*. Revista do GELNE. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, v. 1, p. 41-57, 2012.

CALLOU, D.; SERRA, C.; CUNHA, C. Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do r no dialeto nordestino. *Revista da ABRALIN*. v.14, n.1, p. 195-219, jan./jun. 2015.

GONÇALVES, S. C. L. G. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>.

GUIOTTI, L. P. *O estudo da variante retroflexa na comunidade de São José do Rio Preto*. São José do Rio Preto, 2002, 106f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Berlin: Mouton De Gruyter, 2007 Originalmente publicado em 1986 (Dordrecht: Foris).

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

O COMPORTAMENTO DAS FRONTEIRAS PROSÓDICAS NO APAGAMENTO RÓTICO
EM POSIÇÃO DE CODA FINAL DE PALAVRA

SERRA, C.R. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2009.

SERRA, C.; CALLOU, D. *A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades*. Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Coimbra, APL, p. 585-594, 2013.

_____. *Prosodic structure, prominence and /r/ -deletion in final coda position: Brazilian Portuguese and European Portuguese contrasted*. In: Amedeo De Dominicis. (Org.). *pS-prominenceS: Promenences in Linguistics Internacional Conference*. 1ed.: DISUCOM PRESS, v.1, p. 96-113, 2015.

OUSHIO, L.; MENDES, R. B. O apagamento de (-r) em coda nos limites da variação. *Veredas atemática*. Juiz de Fora (MG), v.18, n.2, p. 251-266, 2014.